



MÍRIAM LEITÃO

Cenário otimista

• Um país com juros reais de 8%, com inflação de no máximo 6%, cujo PIB vai crescer 4% e onde a desvalorização cambial vai ser só de 3%. O Orçamento 2000 prevê isto e mais: que o custo dos juros para o Governo vai cair 65% em relação a 99 e, no final do ano, o país terá não apenas superávit primário, mas também operacional, conceito que inclui os gastos com juros reais sobre a dívida. Isto é real ou imaginário?

Há pontos possíveis e outros improváveis no exercício do Governo exibido no Orçamento do ano que vem. A queda no custo dos juros é impressionante. Pela tabela divulgada, imagina-se que o Governo federal vai gastar R\$ 25,8 bilhões com o pagamento de juros reais. O que é muito dinheiro, mas é a metade do que gastou em 98, que foi de R\$ 51,8 bilhões e um terço do que está previsto que será pago este ano: R\$ 73,3 bilhões.

— Os juros este ano estão inflados pela desvalorização cambial, mais da metade do custo é explicada pela mudança do câmbio — disse Edward Amadeo, secretário de Política Econômica.

De fato, em 98, o custo da dívida cresceu pelos choques dos juros feitos para evitar a desvalorização; em 99 cresceu de novo pela desvalorização e pela posterior manutenção dos juros altos. A hipótese com que o Governo trabalha é que terá um ano tranquilo e poderá continuar reduzindo seus juros para 13,5% nominais, o que dá aproximadamente 8% reais, porque a inflação com que se trabalha, para calcular os juros reais, é, segundo explicou Amadeo, de 5% e não de 6%.

Tudo isto é projeção, não é meta. Para se fazer um orçamento o Governo tem que ter projeções para algumas variáveis.

— Nada do que está no Orçamento é inibidor da ação do Banco Central. É apenas uma hipótese — diz Amadeo.

Se a inflação ficar baixa, há mais chances de se derubar as taxas de juros para estes níveis, mas em que condições pode-se acreditar que o câmbio vai ser desvalorizado em apenas 3% num mundo turbulento e num sistema de flutuação? A previsão que está embutida no Orçamento é que a evolução do câmbio será equivalente à diferença entre inflação interna e externa, o que daria estes 3%. Para que isto aconteça é preciso combinar antes com os russos, e os americanos, os argentinos, os asiáticos, enfim, o mundo.

As previsões fiscais parecem mais consistentes. A manutenção da alíquota extra do IR pessoa física e da alíquota de 12% sobre Contribuição Social sobre Lucro Líquido (que cairia para 8%) dá uma receita extra de R\$ 4

bilhões. Ontem à tarde, depois de terem batido palmas de manhã para o presidente, os aliados começaram a bater nas decisões que sustentam o Orçamento. Mas neste ponto há um seguro: há um grupo de despesas condicionadas à aprovação. Se o Congresso cortar as receitas, estará automaticamente cancelando despesas. Há um número interessante quando se compara o que foi projetado para 99 em termos de déficit do INSS e o que vai acontecer: ele caiu de R\$ 12 bilhões para R\$ 9 bilhões, e este ganho permanece no ano que vem. O Governo conta também com R\$ 8,1 bilhões a mais, só por ter 12 meses de CPMF e terá ainda receitas de concessões, e aumento de arrecadação pelo fato de o país crescer 4%.

E o país pode crescer 4%? O Orçamento conta mais ou menos com a seguinte idéia: se tudo der certo, tudo dará certo. Ou seja, se de fato a inflação ficar baixa, os juros poderão cair, e acontecendo isto o país tem grande chance de crescer, até porque está saindo de uma base deprimida em 99. Mas o problema é que se os juros caírem eles podem alimentar a inflação, criar muita instabilidade no câmbio que também provocará inflação. E neste cenário, os juros terão que subir para se atingir a meta do Banco Central. Aí desmonta-se o cenário. Há previsões de crescimento até maiores no mercado, mas todos partem dos mesmos pressupostos: de que o país vai avançar na reestruturação das despesas públicas com mais reformas.

O Plano Plurianual tem a vantagem de esclarecer o cenário futuro com que o Governo trabalha e explicitar quais são os projetos prioritários para os parques recursos públicos. Isto acaba sim alavancando recursos privados. Ele prevê quatro anos de crescimento, da mesma forma que o último. Com um detalhe: no último PPA, o país cresceu dois anos e perdeu os outros dois. Em si, ele não garante coisa alguma.

O pior do PPA é o seu nome, inventado por publicitários. Avança Brasil é tão oco de sentido quanto o Brasil em Ação. Lembra propaganda, palavra de ordem, e não um planejamento estratégico do país.

Um dia de alívio

• A transparência do Orçamento, o discurso no Planalto e um leilão com juros menores melhoraram as expectativas para a reunião de hoje do Copom.

— Pela primeira vez há justificativas em todas as contas do Orçamento. Isso ajuda o Governo dar um choque de confiança — diz André Lóis, do Bozano.

— O Orçamento está mais transparente, há menos pressão de gastos e não deve haver dificuldade de

aprová-lo — aposta Octávio de Barros, do BBV.

— A divulgação do Plano Plurianual foi positiva e há um clima moderado de otimismo, sem exageros. Mas se a situação estivesse boa mesmo o câmbio não estaria em R\$ 1,92 e a Bolsa teria subido mais do que 0,3% — acrescenta Odair Abate, do Lloyds Bank.

Por falta de notícias ruins aqui e lá fora, o mercado passou a terça-feira procurando pelas boas.